



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

abril | 2026

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsionial, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No **Oeste**, o mês foi quente. As temperaturas máximas, com maior instabilidade na primeira quinzena, apresentaram na maior parte dos dias valores superiores ao normal para a época. As temperaturas mínimas apresentaram alguma instabilidade ao longo de todo o mês, a qual foi mais acentuada no início da segunda e no final da terceira semana. O mês foi ainda marcado por uma tendência de subida das temperaturas mínimas ao longo do período e pelo registo de um número significativo de dias com valores mínimos superiores ao normal para a época. A contabilização de horas de frio (inferiores a 7,2°C, acumuladas desde 1 de outubro) não foi significativa durante o mês. As amplitudes térmicas diárias oscilaram ao longo do mês, tendo sido reduzidas nuns dias e acentuadas noutros, com os valores mais expressivos de 20,8°C registados no dia 5 na estação de Torres Vedras/Dois Portos, 22,3°C e 18,8°C no dia 4, nas estações de Alcobaça e Santa Cruz (Aeródromo), respetivamente.

Durante o mês intercalaram-se dias de céu pouco nublado ou limpo com dias de céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade, com registo de mais dias luminosos na primeira quinzena e maior intensidade de nuvens na segunda. Foi frequente a formação de neblina ou nevoeiro, principalmente a partir do dia 15, influenciando a subida da humidade relativa do ar.

Na maior parte dos dias o vento apresentou uma intensidade fraca a moderada, embora o mês tenha sido ventoso na primeira quinzena, com registo de vários dias de vento forte junto ao litoral. Na segunda quinzena, registaram-se vários dias de vento fraco.

O mês foi muito seco, tendo-se registado níveis de precipitação acumulada muito inferiores ao normal para a época, concentrados em apenas três momentos, designadamente no final da primeira, no final da segunda e no final da quarta semana. A precipitação ocorreu na forma de períodos de chuva e de aguaceiros.

Com precipitação muito reduzida, subida das temperaturas, sol e algum vento, o teor de água no solo diminuiu significativamente. No final do mês, os solos da região encontravam-se quase todos no índice CC [41, 60]. Fora deste padrão, os concelhos de Alcobaça, Nazaré e Alenquer situavam-se parcialmente ainda no índice CC [61, 80] e outras áreas situavam-se já no índice CC [21, 40], designadamente todo o concelho de Peniche, a maior parte do concelho da Lourinhã e uma pequena parte do concelho de Óbidos.

Durante o mês houve boa disponibilidade hídrica para o abeberamento de animais e para as culturas instaladas. As principais linhas de água superficiais apresentavam bons caudais, ligeiramente superiores ao habitual para a época. As reservas hídricas à superfície mantinham níveis elevados de armazenamento, encontrando-se em geral quase à capacidade máxima. As reservas de água subterrâneas continuaram a apresentar níveis superiores ao normal para a época.

Com boas temperaturas e pouca precipitação durante o mês, houve condições para a realização de todas as operações agrícolas, tendo sido marcado por uma intensa atividade nos campos. As sementeiras e plantações, tal como as colheitas, realizaram-se sem interrupções, tendo-se recuperado de algum atraso nos trabalhos causado pela elevada precipitação dos meses de inverno. Devido ao aumento das temperaturas e ao registo de níveis elevados de humidade relativa do ar (muitas neblinas e orvalheiras), ao longo de todo o mês houve necessidade de proteção das culturas com tratamentos fitossanitários e de não descuidar os intervalos de segurança porque foram criadas condições ótimas para o desenvolvimento de doenças e de pragas. Com a fraca precipitação, foi necessário

administrar rega em pomares e em culturas temporárias, pois embora em maior profundidade os solos continuassem a apresentar humidade, na camada superior muitos já se apresentavam secos.

Nas vinhas, as condições meteorológicas do mês foram bastante favoráveis ao desenvolvimento vegetativo da cultura. As condições meteorológicas adversas dos meses de inverno, embora tenham causado prejuízos estruturais, não impactaram negativamente no ciclo produtivo. Com a melhoria das condições climáticas em março e abril, as boas reservas de água no solo impulsionaram o desenvolvimento das vinhas, que foi necessário proteger contra o aparecimento de doenças fúngicas.

Nos pomares de pomóideas, as zonas de circulação apresentavam muitos sulcos de rodados de trator devido ao excesso de água no solo nos meses anteriores, alguns com uma profundidade de meio metro, criando uma dificuldade adicional para a realização em segurança, das operações culturais, designadamente para os tratamentos fitossanitários, obrigando os agricultores a nivelar os terrenos. Tal como previsto no mês anterior, registou-se mortalidade anormal de macieiras, sobretudo das variedades Gala e Fuji, em pomares localizados em zonas baixas que ficaram alagados e em situação de asfíxia radicular durante um período longo. Com o excesso de água nos pomares, as podas foram realizadas bastante tarde. As temperaturas elevadas que se fizeram sentir durante o mês e as boas reservas hídricas do solo, provocaram a antecipação e concentração da floração nos pomares de pera Rocha. O mesmo não se passou nas macieiras, que, devido ao longo período de encharcamento dos solos e à falta de horas de frio invernal, apresentaram uma floração escalonada e irregular, associada a um anormal desenvolvimento de folhas. As temperaturas elevadas durante a floração das macieiras, sobretudo da variedade Gala, causaram abortamento de flores e queda elevada de frutos vingados. As condições climáticas no final da primeira metade do mês foram

propícias ao desenvolvimento de doenças e aumento da intensidade de pragas.

Nas prunóideas, a subida da temperatura foi favorável ao desenvolvimento dos frutos. O vento de maior intensidade, registado em alguns dias a meio do mês, causou queda fisiológica de frutos em variedades precoces de ameixas.

Os pomares de limão evidenciavam recuperação dos danos causados pela depressão Kristin. A subida das temperaturas acelerou o desenvolvimento de novos lançamentos e favoreceu o vingamento dos frutos. As condições do tempo foram propícias ao desenvolvimento de doenças e pragas.

No olival, as temperaturas amenas e a disponibilidade hídrica do solo, promoveram uma enorme exuberância floral nas oliveiras.

As plantações de batata de sequeiro e de regadio arrancaram com atraso este ano devido às condições climáticas nos meses de inverno, que inviabilizaram a instalação da cultura até bastante tarde. Em abril as condições meteorológicas foram favoráveis ao desenvolvimento das searas instaladas no mês anterior e à realização de novas plantações em regadio, que se registaram ao longo de todo o mês e irão prolongar-se por maio. As áreas instaladas no início de março apresentavam plantas vigorosas e a iniciar a floração. As culturas mais adiantadas serão colhidas na primeira metade de junho. A área instalada é menor do que no ano anterior, quer no sequeiro quer no regadio, mas muito mais acentuada no sequeiro. Além das condições meteorológicas e dos preços de mercado baixos que desincentivam os produtores, a redução de área de batata, principalmente de sequeiro, deve-se ainda a uma grande transformação que se vem registando nos últimos anos ao nível da estrutura de produção. A área de batata produzida na região para consumo em fresco tem vindo a baixar devido à diminuição da produção para autoconsumo, que tradicionalmente garantia cerca de 50% da área.

As culturas de hortícolas de ar livre, em geral beneficiaram das condições meteorológicas. As plantações de couves realizadas em março e abril apresentavam um bom desenvolvimento e um bom estado fitossanitário. No entanto, as couves em colheita, tinham uma qualidade inferior ao normal por terem sido sujeitas às condições de excesso de chuva durante o inverno. As cenouras, semeadas este ano a partir do final de fevereiro, após a melhoria das condições climáticas, nasceram bem. Apresentavam um bom desenvolvimento e boas condições fitossanitárias. As cenouras em colheita foram semeadas no final de 2025 e tinham uma qualidade inferior ao normal por terem sido sujeitas ao excesso de água no solo nos meses de inverno.

As condições do tempo, com dias de mais luz e com temperaturas mais elevadas, foram favoráveis ao desenvolvimento das culturas de hortícolas em estufa, embora as noites tenham sido ainda frescas. Durante o mês continuaram a decorrer colheitas de pepino, courgette e feijão verde e iniciaram-se as primeiras colheitas de tomate.

No **Médio Tejo**, as temperaturas máximas apresentaram uma maior variação na primeira quinzena do mês, registando-se uma maior estabilidade na segunda quinzena. As temperaturas mínimas apresentaram, embora de forma menos evidente, também alguma variação principalmente na segunda e terceira semanas. Comparativamente aos valores normais para a época, constatou-se a temperatura máxima, muito superior e a temperatura mínima inferior, de acordo com os registos disponíveis da estação meteorológica de Alvega. As amplitudes térmicas registaram ainda bastante variabilidade ao longo do mês, com valores médios de 16,1°C e de 18,5°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Valdonas e de Alvega. No final do mês, ainda se registou acréscimo do número de horas de frio face ao mês anterior, em ambas

as estações meteorológicas. Na região, verificaram-se ainda noites com um acentuado arrefecimento noturno.

Os dias decorreram na primeira metade do mês com o céu pouco nublado ou limpo e alguns dias com períodos de maior nebulosidade. Na segunda metade os dias decorreram com períodos de muita nebulosidade ou céu muito nublado e alguns dias pouco nublados ou limpos.

Relativamente ao vento, este soprou essencialmente fraco a moderado e fraco.

A precipitação acumulada no final do mês verificou-se muito abaixo do normal para a época, tendo ocorrido essencialmente na forma de aguaceiros. Estes foram pontualmente fortes e acompanhados de trovoadas.

Com as condições meteorológicas registadas, no final do mês o teor de água no solo diminuiu em toda a região. Assim, nos concelhos de Alcanena, Torres Novas, Ourém, Ferreira do Zêzere, Entroncamento e Vila Nova da Barquinha o teor de água no solo situava-se totalmente no índice CC [41, 60]. No concelho de Mação situava-se maioritariamente no índice CC [41, 60]. Nos concelhos de Tomar, Constância e Sardoal distribuía-se entre os índices CC [41, 60] e CC [21, 40]. No concelho de Abrantes situava-se maioritariamente no índice CC [21, 40].

Na região, as reservas de água superficiais e subterrâneas mantinham níveis de armazenamento superiores ao normal para a época. Verificou-se uma boa disponibilidade de água para as necessidades das culturas e para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo nas culturas, verificou-se no geral e ao longo do mês, um aceleração dos ciclos vegetativos. As condições climáticas registadas foram favoráveis à realização de sementeiras das culturas de primavera-verão, as quais decorreram de forma regular e a bom ritmo.

Nas searas de cereais praganosos, o aumento das temperaturas e a ausência de precipitação aceleraram e anteciparam o processo de secagem das plantas.

Ao longo do mês, as temperaturas altas e ausência de chuva funcionaram como uma antecipação do verão, verificando-se pastagens de sequeiro já secas e outras a secar. Algumas das pastagens instaladas este ano apresentavam-se em risco, sem possibilidade de recuperação vegetativa. No que respeita aos prados de regadio, verificou-se a antecipação do espigamento das gramíneas, encontrando-se no geral já todas as plantas a espigar, muito mais cedo do que o habitual.

Nos olivais tradicionais, as oliveiras foram favorecidas pelas temperaturas amenas e ainda alguma disponibilidade hídrica do solo, apresentando uma enorme exuberância floral, terminando durante todo o mês a queda fisiológica das folhas.

Nas figueiras, as temperaturas diurnas, anormalmente altas promoveram um desenvolvimento superior dos figos lampos (maior calibre).

Nas amendoeiras, o vento mais intenso registado a meados do mês provocou a queda de uma quantidade significativa de fruto. Ainda assim, a produção não deverá ser comprometida, dada a elevada carga produtiva.

Na **Lezíria do Tejo** e **Baixo Sorraia**, as temperaturas máximas foram bastante oscilantes na primeira quinzena e mais estáveis na segunda metade do mês, com tendência de subida. Verificaram-se muitos dias com temperaturas máximas acima do normal para a época, mais concentrados na segunda metade do mês. As temperaturas mínimas apresentaram maior estabilidade, com uma tendência de subida ao longo do mês. O valor médio da temperatura mínima foi próximo do normal para a época, embora se tenha registado de forma intercalada dias com valores mínimos elevados e outros com valores baixos. No final do mês, o acréscimo de horas de frio acumuladas foi residual na estação de Santarém e mais expressivo na estação de Coruche. As amplitudes térmicas diárias foram muito variáveis ao longo do mês. Os valores mais elevados, de 20,0°C e de

23,7°C, foram registados respetivamente na estação de Santarém no dia 18 e na estação de Coruche no dia 3.

O mês decorreu principalmente com o céu pouco nublado ou limpo e com períodos de muita nebulosidade, tendo-se verificado alguns dias de céu muito nublado. Ocorreu formação de neblina ou nevoeiro, de forma mais concentrada na segunda quinzena.

O vento foi predominantemente fraco a moderado, com registo de alguns dias de vento fraco.

O mês foi muito seco, tendo-se registado dois períodos com alguma precipitação na primeira e na última semana, sob a forma de períodos de chuva ou aguaceiros. No final do mês, a precipitação foi acompanhada por algumas trovoadas. Os valores acumulados no final do mês foram muito inferiores ao normal para a época.

Com a melhoria das condições meteorológicas e menor precipitação, no final do mês o teor de água no solo tinha diminuído em toda a região. Nos concelhos da Lezíria do Tejo prevalecia o índice CC [41, 60], verificando-se ainda áreas nos concelhos de Santarém, Cartaxo e Azambuja no índice CC [61, 80] e áreas nos concelhos da Golegã, Chamusca e Alpiarça já no índice CC [21, 40]. No Baixo Sorraia, o concelho de Salvaterra de Magos situava-se totalmente no índice CC [41, 60]. Os concelhos de Coruche e Benavente situavam-se entre os índices CC [41, 60] e CC [21, 40].

As reservas de água superficiais e subterrâneas mantinham níveis de armazenamento acima do normal para a época. Verificou-se uma boa disponibilidade hídrica para o abeberamento de animais e para as necessidades culturais.

Quanto à influência do tempo nas culturas, a melhoria das condições climáticas permitiu a realização de todas as operações agrícolas no campo com normalidade. Durante o mês foram instaladas as habituais culturas de primavera-verão. Devido à subida das temperaturas e à pouca precipitação foi iniciada a administração de rega em grande parte destas culturas.

As pastagens de sequeiro começaram a secar precocemente e as de regadio aceleraram o desenvolvimento vegetativo, iniciando o espigamento mais cedo do que o habitual.

Nas vinhas para vinho, embora a poda se tenha prolongado até março, resultando num abrolhamento mais tardio, as temperaturas elevadas provocaram uma aceleração acentuada do ciclo vegetativo, traduzindo-se num adiantamento fenológico de cerca de uma semana e meia face ao ano anterior.

Nos citrinos, designadamente na laranja, as condições climáticas foram muito favoráveis ao desenvolvimento da cultura.

No olival, as condições meteorológicas favoreceram a floração, sem adversidades registadas.

Na cultura de milho, as condições meteorológicas promoveram o desenvolvimento vegetativo.

As temperaturas elevadas causaram a secagem da cama de sementeira de algumas culturas instaladas no mês anterior e consequente heterogeneidade na emergência, designadamente no grão de bico.

O estado do tempo, com calor e pouca humidade, foi favorável para a cultura de melão.

A melhoria das condições do tempo, permitiu dar continuidade às plantações de batata para a indústria e consumo, que decorreram a bom ritmo. No final do mês a instalação da cultura encontrava-se quase finalizada. As plantações mais adiantadas apresentavam uma boa tuberização indiciando boas produtividades. Embora tenha havido atraso no arranque das plantações, o desenvolvimento acelerado da cultura permitiu uma boa recuperação, estando previsto o início da colheita na segunda metade de maio. A cultura encontrava-se em melhores condições comparativamente a igual período do ano anterior. Apesar de ter sido instalada mais tarde, as condições climáticas estão a ser muito mais favoráveis do que no ano anterior. No ano passado, por esta altura, observavam-se campos em dificuldade e

outros perdidos devido à elevada precipitação nos meses de março e abril. Prevê-se a instalação de menos área comparativamente ao ano anterior. A redução deve-se a motivos comerciais, uma vez que a indústria este ano contratou menos área para a campanha precoce de maio/junho. Ainda há muita batata acumulada do ano anterior em França, Holanda e Bélgica, com oferta a preços muito baixos, o que teve reflexo na descida dos preços de contratação. As situações mais preocupantes na campanha são as condições de mercado e a subida dos custos de produção. Muitos produtores poderão ficar numa situação muito desconfortável financeiramente e sem sustentabilidade económica.

Na **Grande Lisboa**, o mês caracterizou-se, de forma geral, quente em comparação com a normal climatológica. A temperatura máxima do ar registou valores superiores ao normal para a época, à exceção dos dias 7, 8 e de 11 a 15, embora nestes dias se tenha mantido muito próxima do valor padrão de referência. Relativamente à temperatura mínima, verificou-se um valor inferior ao normal climatológico, mas, na maior parte dos dias, as mínimas diárias situaram-se acima do valor normal, sobretudo a partir do dia 16. As maiores amplitudes térmicas diárias – entendidas como a diferença entre a temperatura máxima e mínima registadas no mesmo dia – atingiram 13,4°C, 13,1°C e 13,9°C nos dias 3, 5 e 17, respetivamente.

Os dias foram maioritariamente nebulados e com formação de neblina em zonas costeiras e junto ao rio Tejo.

O vento soprou, predominantemente, moderado do quadrante Oeste/Noroeste a forte (30 a 50km/h), com rajadas próximas de 70 km/h nos dias 11 e 12.

A precipitação apresentou um comportamento dispar, com um total mensal abaixo do valor médio, consolidando uma tendência seca iniciada em março. O mês foi marcado por escassez de precipitação

significativa, com os fenómenos de chuva a concentrarem-se num curto período (de dia 6 a 8).

A humidade relativa diária foi inferior à registada no mês anterior.

No que se refere aos valores do teor de água no solo, verificou-se uma diminuição, aumentando a necessidade de antecipação do início da rega. No final do mês o litoral do concelho de Mafra encontrava-se maioritariamente no índice CC [61, 80] e, o interior, no índice CC [41, 60]. O concelho de Vila Franca de Xira estava maioritariamente no índice CC [41, 60], com uma mancha a nordeste no índice CC [11, 20]. A zona noroeste do concelho de Sintra situava-se no índice CC [41, 60], a sul maioritariamente no índice CC [61, 80], com uma mancha a nordeste no índice CC [21, 40]. O concelho de Loures maioritariamente no índice CC [21, 40], com uma mancha a este no índice CC [41, 60]. Odivelas encontrava-se maioritariamente no índice CC [21, 40]. A zona oeste do concelho da Amadora estava no índice CC [41, 60] e a este no índice CC [21, 40]. Lisboa situava-se maioritariamente no índice CC [21, 40], com uma mancha a sul no índice CC [11, 20]. Os concelhos de Cascais e Oeiras encontravam-se maioritariamente no índice CC [61, 80].

As linhas de água, as albufeiras, os reservatórios e aquíferos mantiveram-se com boa disponibilidade de água para as culturas e para o abeberamento das espécies pecuárias.

Relativamente à influência do estado do tempo na agricultura em geral, as condições edafoclimáticas revelaram-se globalmente favoráveis à execução dos trabalhos de preparação dos solos, necessários à instalação das culturas de primavera-verão. Neste mês, registou-se o início das sementeiras de arroz e de milho, bem como a plantação de tomate para indústria. As condições climatéricas verificadas foram igualmente benéficas para o desenvolvimento fenológico dos pomares. Não obstante, as temperaturas amenas e o elevado teor de humidade noturno contribuíram de uma forma geral para a intensificação do risco de

aparecimento de pragas e doenças, bem como para o desenvolvimento de infestantes, tornando necessária a implementação atempada de medidas fitossanitárias preventivas e corretivas adequadas.

O clima que se fez sentir favoreceu o crescimento vigoroso das videiras de uva para vinho e a formação abundante de cachos, perspetivando-se, na ausência de constrangimentos adicionais, uma boa produção. Contudo, o clima também favoreceu o surgimento e desenvolvimento de doenças e de infestantes na vinha. Registaram-se alguns danos pontuais em zonas costeiras, nomeadamente quebra de lançamentos e queimaduras foliares, sem impacto relevante na produtividade.

Na vinha de uva de mesa, apesar da ocorrência de algumas condições meteorológicas adversas, não se registaram incidências anómalas nem impactos relevantes no desenvolvimento da cultura, que está dentro do normal para a época.

No olival, as condições edafoclimáticas favoráveis, nomeadamente temperaturas amenas e adequada disponibilidade hídrica no solo, promoveram uma elevada intensidade de floração.

Na **Península de Setúbal**, verificaram-se oscilações das temperaturas máximas ao longo do mês, em geral acima do valor normal para a época. As temperaturas mínimas tiveram um comportamento mais regular ao longo do mês, em geral próximas do normal para a época e bastante superiores no final do mês.

As maiores amplitudes térmicas foram registadas no início e em meados do mês (21,1°C no dia 20 na estação de Pegões). As menores amplitudes térmicas observaram-se no início e em meados do mês (6,8°C no dia 12 na estação de Setúbal). No final do mês as horas de frio acumuladas não registaram grandes variações relativamente ao anterior.

Os dias decorreram com céu geralmente muito nublado a partir da segunda semana, por vezes com nuvens altas ou com boas abertas. Verificaram-se pontualmente situações de neblina ou nevoeiro matinal.

O vento soprou em geral fraco a moderado, pontualmente forte no início e em meados do mês.

Ocorreu precipitação no início e em meados do mês, sob a forma de chuva ou aguaceiros, por vezes acompanhados de trovoada. O total de precipitação mensal foi reduzido e de apenas cerca de 25% do valor normal para a época.

Em geral o teor de água no solo registou decréscimo relativamente ao mês anterior. No final de abril, a maior parte dos solos encontravam-se no índice CC [21, 40]. Apenas os concelhos de Moita e Montijo permaneciam no índice CC [41, 60]. Zonas mais interiores dos concelhos de Palmela (a sul) e de Setúbal (a norte) encontravam-se já no índice CC [11, 20]. Comparativamente a igual período do ano anterior, em toda a região o teor de água no solo era então muito superior, entre o índice CC [61, 80] e a capacidade de campo.

Apesar de em menor quantidade, continuaram a verificar-se condições de aprovisionamento de água nas barragens e aquíferos subterrâneos, bem como disponibilidade nos cursos superficiais e nos solos. Face à situação hídrica favorável, não se verificaram constrangimentos para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, as condições foram propícias à circulação de maquinaria agrícola nos terrenos, permitindo a realização dos trabalhos no campo, nomeadamente a nível de controlo de infestantes, tratamentos fitossanitários, adubações, podas, preparação dos solos para instalação de novas culturas, bem como cortes de culturas forrageiras.

No que se refere às vinhas, o mês decorreu de forma muito calma. Foi propício à realização das intervenções necessárias nesta fase de desenvolvimento, nomeadamente tratamentos fitossanitários, controlo de

infestantes e aplicação de fertilizantes líquidos. As condições favoráveis de temperaturas e de aprovisionamento de água no solo favoreceram o desenvolvimento vegetativo da vinha. No entanto, as amplitudes térmicas, com dias quentes e noites frias, abrandaram o ritmo de crescimento. O receio da ocorrência de episódios de granizo e trovoada durante o mês de abril, que poderiam afetar a vinha, que se apresentava num estado de desenvolvimento já avançado e comprometer a produção, não se verificou.

No que respeita às tangerineiras, as condições climáticas, com temperaturas amenas e alguma precipitação pontual, foram favoráveis ao desenvolvimento da cultura, contribuindo para a evolução da floração para fases subsequentes, nomeadamente a queda de pétalas e o início do vingamento dos frutos. Não ocorreram fenómenos extremos ou adversos com impacto significativo na cultura.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos das estações desta região.



Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

Oeste

Na vinha para vinho, a subida das temperaturas e a humidade relativa elevada devido às neblinas e orvalheiras que se registaram com alguma frequência promovendo a folha molhada, as condições foram propícias para o desenvolvimento de doenças fúngicas e conduziram ao aparecimento das primeiras infeções de míldio na segunda metade do mês. Para manter uma

boa proteção fitossanitária da cultura contra a doença foi recomendada a realização de tratamentos preventivos, sem descurar os intervalos de ação dos produtos, e aplicação de anti-esporulante nas vinhas já com manchas. A realização de tratamentos para proteção do oídio também foi recomendada. Os tratamentos realizados asseguraram o controlo fitossanitário das vinhas, não tendo sido registados prejuízos de doenças criptogâmicas acima do normal. Com um inverno muito chuvoso e a dificuldade de circulação de máquinas agrícolas até meados de março, o controlo de infestantes mantinha-se ainda muito deficiente. Na vinha para uva de mesa, os tratamentos preventivos realizados durante o mês para o míldio e para o oídio, permitiram o controlo fitossanitário da cultura.

Relativamente às pomóideas, nos pomares de pera Rocha registaram-se os primeiros sintomas de estenfiliose, com o surgimento de manchas castanhas nos frutos, sobretudo em pomares com histórico da doença. Os tratamentos realizados revelaram-se eficazes. Na segunda metade do mês começaram a ser visíveis sintomas de fogo bacteriano em frutos e lançamentos, o qual, no entanto, apresenta menos intensidade do que no ano anterior uma vez que a floração foi mais precoce e concentrada. Foram realizados tratamentos preventivos durante a floração, mas a eficácia foi baixa. Em termos de pragas, surgiram os primeiros sintomas de pica brotes (incidência média/baixa), causados por uma pequena vespa (*Janus compressus*), que pica rebentos jovens para depositar a postura, cujas larvas ao se alimentarem no interior dos mesmos, provocam o seu murchamento e secagem. Em pomares novos pode provocar o atraso do crescimento dos ramos. Também foi registada a presença de cecidómia (*Dasineura pyri* Bouché), com uma incidência média/baixa. A praga, cujas larvas provocam o enrolamento das folhas jovens das pereiras, pode ter consequências significativas, particularmente em pomares recentes, com a desfoliação dos lançamentos e a paragem do crescimento vegetativo da árvore,

podendo causar algum atraso na entrada em produção. Com a subida das temperaturas, registou-se uma maior presença de afídeo preto (incidência média). Nos pomares de macieiras, a elevada humidade e as temperaturas mais altas favoreceram o desenvolvimento de pedrado nas variedades Gala e Fuji, tendo havido um controlo eficaz da doença com os tratamentos realizados. Tal como nas pereiras, na segunda metade do mês começaram a ser visíveis sintomas de fogo bacteriano em macieiras das variedades Gala, Fuji e Reineta, que em alguns locais apresentaram uma incidência mais elevada. Foi registado um aumento das pragas habituais nos pomares de macieiras, designadamente de afídeo cinzento, pulgão lanígero e pedrolho, com uma intensidade média a elevada em alguns pomares e com menor intensidade noutros. Com a subida das temperaturas, na segunda metade do mês aumentaram as capturas de bichado (*Cydia pomonella*) em pomares de pereiras e de macieiras. Na última semana foi iniciado o controlo da praga com a aplicação de difusores de confusão sexual e com a aplicação de inseticidas. De salientar o registo de forma generalizada de uma boa presença de auxiliares nos pomares de pomóideas, designadamente de larvas de sirfídeos e larvas de joaninhas, ambos predadores naturais que se alimentam vorazmente de pulgões, cochonilhas, tripes e ácaros.

Nos pomares de prunóideas, designadamente de ameixeiras e de pessegueiros, foram realizados tratamentos preventivos de pragas e doenças fúngicas, destacando-se as condições propícias do mês ao surgimento de lepra devido à subida da temperatura e à elevada humidade atmosférica e do solo. A lepra é uma doença fúngica, que ataca as folhas e as flores, causando enfraquecimento das árvores, abortamento floral e queda prematura dos frutos, sendo responsável por prejuízos graves na produção.

Nos pomares de limão foram aplicados tratamentos preventivos para a traça do limoeiro, praga muito

presente na região, cujos estragos são provocados durante a fase larvar devido a perfurações em folhas jovens, nos botões florais e em frutos recém vingados, podendo resultar numa diminuição drástica da produção.

No olival, não apareceram doenças ou pragas de forma expressiva que tenham justificado qualquer tratamento ou estratégia fitossanitária.

Na cultura da batata, durante o mês foram feitos tratamentos preventivos para o míldio, os quais foram reforçados no final do mês devido ao surgimento de alguns focos da doença nesse período. Em termos de pragas foi registada a presença de escaravelho um pouco superior ao habitual.

Nas culturas hortícolas de ar livre, designadamente nas couves, registaram-se as doenças fúngicas habituais, como alternariose, estenfiliose, micosferela e algum míldio. Foram realizados tratamentos preventivos que demonstraram eficácia. Em termos de pragas verificaram-se ataques de afídeos (piolhos) e lagartas. São pragas difíceis de combater e os tratamentos realizados nem sempre apresentaram eficácia, embora tenham permitido controlar os problemas de uma forma geral. Os piolhos das couves começam a ser um problema persistente, uma praga chave da cultura e as substâncias ativas autorizadas para o seu combate não apresentam eficácia.

Nas culturas de hortícolas em estufa, registou-se a presença de oídio no pepino, na courgette e no feijão verde. Registou-se ainda a presença de *Tuta absoluta* e mosca branca no tomate. Os ataques de doenças e pragas foram de baixa intensidade, tendo-se revelado eficazes os tratamentos realizados. Não foram identificados prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nos cereais praganos, nada de relevante foi identificado no mês de abril. Os tratamentos e as

condições climatéricas têm contribuído eficazmente para o bom estado fitossanitário destas culturas.

Nas figueiras, devido à precipitação ocorrida nos meses de janeiro, fevereiro e março não foi possível realizar os tratamentos fitossanitários para o controlo da cochonilha preta (*Ceroplastes rusci*). Esta praga estava presente de forma expressiva, o que pode vir a causar alguma perda de figos lampos devido ao enfraquecimento que a praga provoca nas figueiras. Após o abrolhamento não é possível controlar a praga devido à sensibilidade das figueiras aos produtos fitossanitários.

Nas amendoeiras, no arranque do ciclo vegetativo, muitas árvores evidenciaram gomoses, associadas ao inverno muito chuvoso e à submersão parcial de pomares (até 10-15 cm), decorrente das cheias do rio Tejo. Após a floração, as condições meteorológicas registadas foram desfavoráveis ao desenvolvimento de pragas e doenças, especialmente o tempo muito seco associado a baixos níveis de humidade relativa. Verificou-se neste ano, uma baixa pressão de doenças. Na campanha anterior, foram eliminados pomares da variedade Soleta, pelos inúmeros problemas de antracnose (*Colletotrichum spp.*) registados. Esta doença representa uma forte preocupação para os produtores, tendo sido efetuados tratamentos preventivos nas fases cruciais da cultura (10% de flor aberta, plena floração e queda das pétalas). Em alguns amendoais, surgiram sinais de crivado (*Stigmia carpófila*), encontrando-se, no entanto, controlada a doença fúngica no final do mês.

Nas noqueiras, nada de relevante foi identificado no mês de abril, verificando-se um bom estado fitossanitário favorecido pelo calor e ausência de humidade.

Nas vinhas, no geral, não foi relatada nenhuma ocorrência significativa. Em algumas vinhas foram efetuados os primeiros tratamentos preventivos para o míldio, oídio e escoriose.

Em algumas zonas de pomares de pessegueiros, sujeitos nos últimos meses a níveis de humidade atmosférica

elevada, verificou-se a morte de árvores provocada por cancro bacteriano (*Pseudomonas syringae*) e consequente quebra de produção.

As oliveiras apresentavam um bom estado fitossanitário, sem serem identificadas ocorrências significativas.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nas vinhas para vinho, no início do mês observaram-se sintomas de míldio nas folhas e, principalmente, nos cachos das vinhas com maior desenvolvimento vegetativo. O desenvolvimento da doença, ainda que sem impacto significativo, resultou das condições climáticas do mês anterior e a precipitação ocorrida no início de abril criou condições para novas infeções primárias e secundárias, essencialmente foliares, com maior incidência a partir da terceira semana. As frequentes orvalhadas mantiveram o risco elevado para as infeções secundárias de míldio, observadas em algumas vinhas. Relativamente a pragas, o voo da primeira geração da traça da uva encontrava-se praticamente concluído, verificando-se uma diminuição acentuada de capturas nas armadilhas. Paralelamente, observou-se já a subida pontual de ninfas de cochonilha-algodão para a componente vegetativa. Nas vinhas para uva de mesa, os tratamentos efetuados para míldio e oídio foram eficazes.

Nos pomares de pessegueiros não foram identificadas doenças ou pragas com intensidade significativa.

Nos pomares de citrinos, designadamente de laranja, verificou-se a existência de algumas manchas de míldio nas folhas das árvores mais novas e essencialmente nas zonas mais baixas, com mais humidade, mas sem grande significado devido aos tratamentos cúpricos realizados no final de janeiro.

Nos olivais, foram realizados tratamentos fitossanitários para controlo da traça (*Prays oleae*), e aporte de nutrientes, para favorecer a floração e o posterior vingamento dos frutos.

Na cultura de melão não foram identificados problemas fitossanitários. Devido à previsão de chuva no final do mês, foram realizados os primeiros tratamentos preventivos para a mosca branca e para o míldio.

Na batata, verificava-se muita pressão de pragas (escaravelhos) e doenças, como o míldio e a rizoctonia (doença causada por um fungo parasita e saprófito, *Rhizoctonia solani*, que pode causar graves perdas de produção). Foram realizados os tratamentos habituais de fungicidas e de inseticidas, designadamente para proteção destas doenças e pragas.

Grande Lisboa

Na vinha de uva para vinho, do ponto de vista fitossanitário, a situação encontrava-se maioritariamente controlada. Foram registadas algumas infeções primárias de míldio, com incidência reduzida e impacto insignificante na produção, ocorrendo sobretudo em zonas onde a aplicação de tratamentos não foi homogénea. Os tratamentos preventivos e curativos realizados revelaram-se eficazes. Observou-se ainda a presença de erinose em algumas parcelas, com maior expressão face a anos anteriores, mas sem gravidade significativa. A erinose da videira é uma praga causada pelo ácaro *Colomerus vitis*, que ocorre na primavera, afeta a folhagem, mas raramente danifica o fruto. Não se verificaram problemas relevantes de oídio. As infestantes apresentaram crescimento significativo, impulsionado pela humidade do solo e temperaturas elevadas, tendo sido efetuado o seu controlo mecânico. Nas vinhas de uva de mesa, do ponto de vista fitossanitário os tratamentos realizados para o controlo do míldio e do oídio demonstraram-se eficazes, mantendo a sanidade das vinhas dentro dos parâmetros normais para a época.

Nas pomóideas observaram-se ocorrências de fogo bacteriano e estenfiliose na pereira, enquanto na macieira se registaram fogo bacteriano e afídeos (preto

na pereira e cinzento na macieira). A partir da segunda quinzena do mês, tornaram-se visíveis sintomas de fogo bacteriano em frutos e lançamentos de ambas as culturas, verificando-se igualmente um aumento da presença de afídeos favorecido pelas temperaturas amenas e pela boa condição hídrica e nutritiva das árvores. Relativamente à monitorização de pragas, as capturas de bichado (*Cydia pomonella*) evidenciaram um aumento na última semana, enquanto as espécies *Cydia funebrana* e *Cydia molesta* atingiram os seus picos mais precocemente. Durante a floração, foram realizados os tratamentos disponíveis para o controlo do fogo bacteriano, tendo-se verificado baixa eficácia. Por outro lado, o controlo da estenfiliose na pereira e do pedrado na macieira revelou-se eficaz. O combate ao bichado encontrava-se no final do mês em fase inicial, recorrendo à instalação de difusores de confusão sexual e à aplicação de inseticidas.

Nos pomares de figo, foi observada a presença de cochonilha (*Planococcus ficus*) sem expressão significativa, não representando, até ao momento, risco relevante para a produção.

Nos limoeiros, durante o mês verificou-se uma redução das condições favoráveis ao desenvolvimento de doenças, contrastando com um contexto propício ao aumento da pressão de pragas, nomeadamente cochonilhas e ácaros.

Península de Setúbal

Em geral o tempo apresentou-se quente e seco, não sendo propício ao desenvolvimento de doenças ao longo do mês. Relativamente às pragas, ainda é cedo para o seu aparecimento.

No que respeita ao trigo, até ao momento não se registam problemas relevantes. No entanto, a ocorrência de períodos de chuva prolongados poderá favorecer o aparecimento de ferrugens e septorioses. Observaram-se alguns afídeos, mas sem expressão significativa.

Em relação à vinha, o tempo seco e as temperaturas elevadas permitiram uma baixa pressão fitossanitária. Em alguns períodos do mês estava prevista precipitação, que não se verificou, pelo que não houve evidência de doenças, nomeadamente de míldio, oídio ou podridão negra (*blak rot*). Apesar destas condições benéficas, foram efetuados tratamentos fitossanitários preventivos na vinha. Relativamente a pragas, como a cigarrinha, ainda é cedo para a sua ocorrência.

Nas pomóideas, nomeadamente nas pereiras, foram identificados focos de fogo bacteriano, no entanto a situação não foi tão grave como na campanha anterior. De modo a controlar os focos, realizaram-se limpezas de ramos e de corimbos infetados no final do mês. Nas macieiras, registou-se a presença de afídeos e ácaros, tendo sido realizados tratamentos fitossanitários para o seu controlo.

No que diz respeito às tangerineiras, verificou-se a presença de afídeos, com maior incidência nas folhas mais jovens. Foi realizado tratamento fitossanitário para o seu controlo, tendo-se observado uma diminuição da incidência após a intervenção. Não se registaram prejuízos relevantes para além do expectável em condições normais.

Na cultura da batata as condições climatéricas favoráveis, com temperaturas elevadas e baixa humidade, contribuíram para reverter as situações de míldio verificadas no mês anterior. Relativamente a pragas ainda não se registaram ocorrências.



Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações

industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste**, as pastagens de sequeiro, geralmente espontâneas e algumas melhoradas, apresentavam boa disponibilidade de matéria verde para os animais em pastoreio direto. Durante o mês realizaram-se muitos cortes de forragens anuais para silagem, feno e fenossilagem, designadamente de azevém e consociações semeadas em outubro e novembro. Como referido nos meses anteriores, com a redução significativa de sementeiras, houve aproveitamento de forragens de nascimento espontâneo em áreas instaladas na campanha anterior que permaneceram em restolho, tendo havido corte de algumas áreas durante o mês. O rendimento destas forragens é inferior devido ao nascimento incerto e ao reduzido desenvolvimento durante um período longo em consequência do excesso de água no solo, e a qualidade é inferior devido à grande presença de infestantes. O azevém semeado mais tarde, em março, encontrava-se ainda pequeno, mas prevê-se a colheita já no final de maio ou início de junho para evitar o espigamento devido à subida das temperaturas e perda de qualidade nutricional, estimando-se uma produção inferior ao normal. As espécies de ciclo curto, como a erva do Sudão, instaladas no final de março e início de abril, serão colhidas em julho ou agosto. Com o tempo quente e seco as instalações tardias estavam a necessitar de água.

Na região, o milho para silagem produz-se essencialmente para autoconsumo nas explorações pecuárias. No final do mês a cultura ainda não tinha sido instalada. Alguns produtores andavam já a preparar as terras para as sementeiras, que habitualmente se realizam em maio. Prevê-se uma área de produção superior à do ano anterior, pela necessidade de os produtores pecuários compensarem a menor produção de forragens de outono-inverno.

No final do mês, as condições de alimentação das espécies pecuárias mantinham-se semelhantes a igual

período do ano anterior, mas algumas explorações pecuárias tinham já reforçado a compra de feno, silagem e palha picada para manterem as reservas de alimento natural conservado. Pontualmente, verificou-se a administração de maior quantidade de silagem de milho e de ração industrial, para compensar a menor qualidade nutricional da fenossilagem de azevém. Durante o mês foi sentido um novo aumento dos custos de produção, com a subida do preço dos alimentos naturais conservados, das rações industriais e do gasóleo agrícola. Como já referido anteriormente, no setor leiteiro, sem um horizonte de estabilidade dos custos de produção e com a descida do preço do leite aplicada no início do ano nos contratos de fornecimento à indústria, a margem dos produtores ficou muito estreita e alguns poderão mesmo não resistir.

No **Médio Tejo**, muitas das pastagens permanentes de sequeiro encontravam-se com as plantas secas ou a secar face às temperaturas muito altas e ausência de chuva ao longo do mês. Nas pastagens em que o primeiro corte foi a dente, as plantas não conseguiram voltar a atingir a floração. Nos prados de regadio, as plantas (gramíneas) espigaram antes do tempo, encontrando-se na generalidade espigadas e com grande vitalidade.

Relativamente às condições de alimentação das espécies pecuárias, verificou-se que os bovinos em regime extensivo se encontravam, maioritariamente, em pastoreio direto, sem disponibilização de alimentos concentrados. Contudo, nas pastagens de sequeiro, antecipa-se uma maior escassez de erva, em resultado das condições de secura observadas ao longo do mês.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, muitas pastagens de sequeiro começaram a secar muito rapidamente devido às elevadas temperaturas e escassa precipitação, bem como a apresentar dificuldade de recuperação vegetativa. As pastagens de regadio, apresentavam boa

quantidade de matéria verde, embora as plantas tenham espigado precocemente devido ao efeito das temperaturas elevadas.

No que respeita às culturas forrageiras, verificou-se um atraso nos cortes devido à dificuldade de aceder aos campos. No azevém, em geral foi apenas efetuado um corte, feito tardiamente, com as plantas já um pouco secas e de qualidade inferior devido ao menor teor proteico. A produtividade foi bastante menor do que no ano anterior. Grande parte das consociações anuais, por falta de oportunidade de corte em verde, ficaram destinadas a fenos, encontrando-se ainda a aguardar pelo momento de corte.

Na segunda quinzena do mês foram iniciadas as sementeiras de milho para silagem, decorrendo com normalidade. Prevê-se algum aumento de área da cultura devido à menor produção de forragens de outono-inverno e maior procura de silagem de milho.

As condições de alimentação das espécies pecuárias, em especial nas estabuladas, mantinham-se semelhantes a igual período do ano anterior, embora alguns produtores tenham já recorrido à compra de silagens e fenos para garantir os níveis de armazenamento e os regimes alimentares habituais.

A subida do preço dos combustíveis já estava a causar um forte impacto nos custos de produção, dado que o preço do gasóleo agrícola, consumido em grandes quantidades nas explorações pecuárias que simultaneamente produzem forragens para autoconsumo, sofreu um aumento considerável. Nas rações também já se sentia alguma subida de preço devido ao aumento dos custos de transporte (custo do frete) que refletem a subida dos combustíveis.

Na **Grande Lisboa**, relativamente aos prados e pastagens, observou-se bom crescimento vegetativo, favorecido pela temperatura e humidade noturna.

No caso do azevém, no concelho de Sintra registou-se uma produção significativa, com enfardamento para fenossilagem iniciado em março e com conclusão prevista para maio. Pontualmente observou-se a presença de anafa, que é uma infestante indesejada quando interfere com culturas agrícolas, competindo por recursos. Prevê-se ainda um segundo corte, possivelmente destinado a feno, dependendo das condições meteorológicas. Em algumas searas no concelho de Vila Franca de Xira houve reporte de fraco desenvolvimento da cultura devido à escassez de chuva após a adubação realizada no início do mês, apresentando plantas espigadas, de reduzido porte e com elevada incidência de infestantes (nomeadamente margaça), optando-se por não enfardar e direcionar a cultura para pastoreio direto. Também houve registo de uma quebra de produtividade face ao ano anterior, atribuída ao excesso de precipitação no inverno, que provocou *stress* hídrico e asfixia radicular. Para a presente campanha destaca-se uma tendência de aumento de preços no mercado de forragens, impulsionada pela menor oferta e pelo aumento do custo de enfardamento. O feno deverá igualmente registar valorização. O corte de misturas de azevém com ervilhaca está previsto para o final de maio ou início de junho. No que diz respeito à luzerna, devido à elevada infestação de ervas perspectiva-se a mobilização do solo e sementeira em maio.

Ao nível da produção pecuária, os animais continuam em regime de pastoreio, mantendo-se o sistema de pastoreio rotacional para garantir a regeneração do coberto vegetal, sendo suplementados com feno, fenossilagem e rações industriais.

Na **Península de Setúbal**, devido às condições adversas para a realização de sementeiras de prados e de culturas forrageiras nos meses em que deveriam ter sido efetuadas, bem como às elevadas precipitações dos meses anteriores, que prejudicaram o desenvolvimento vegetativo, as pastagens e a vegetação

espontânea irão contribuir para o aumento de aprovisionamento de alimento para o efetivo pecuário. A produção de forragens anuais nesta campanha é notoriamente inferior à anterior. Assim, face à necessidade do aumento de consumo de alimento aprovisionado do ano anterior, esse *stock* é nesta fase inferior. Era evidente o desenvolvimento vegetativo reduzido das consociações, sujeitas a situações de encharcamento prolongado dos solos. Prevê-se o corte para feno em final de maio, com produtividades baixas. Nas forrageiras instaladas mais precocemente, em que estavam previstos três cortes, efetuou-se o primeiro corte para silagem apenas na última semana de março e um segundo corte em abril, para fenossilagem, o que se irá refletir na produtividade. Relativamente ao azevém, a sementeira foi realizada tardiamente, apenas no final de novembro, devido às condições de precipitação intensa que impediram a sua instalação em tempo oportuno. Em condições de um ano normal, apesar da sementeira tardia, seria expectável a obtenção de uma boa seara. Contudo, a elevada precipitação ocorrida posteriormente provocou danos significativos nas linhas de água, originando elevados caudais e fenómenos de lixiviação dos solos. Como consequência, verificou-se a perda parcial da cultura, que ainda não se encontrava devidamente enraizada aquando da ocorrência destes episódios de chuva intensa. Atendendo ao atraso na instalação, previa-se apenas a realização de um corte para feno; no entanto, tal não foi possível, uma vez que a cultura não atingiu o desenvolvimento nem a qualidade necessária. Assim, apenas se viabilizou a utilização da cultura para pastoreio direto. Esta situação representa um prejuízo elevado, implicando a necessidade de aquisição de feno no mercado, com consequente aumento dos custos de alimentação animal e previsível défice de reservas forrageiras para o inverno. De salientar que se verificaram situações semelhantes noutras explorações da região, não constituindo um caso isolado, refletindo o impacto generalizado das condições climáticas adversas.

De forma a colmatar a falta de produção forrageira e reforçar as reservas alimentares para o efetivo pecuário, há produtores que ponderam a instalação de uma cultura de primavera-verão, nomeadamente erva do Sudão ou sorgo.

Relativamente à sementeira do milho para silagem, prevê-se que seja efetuada em final de maio a início de junho.



Estado vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal

No **Oeste**, as searas de trigo semeadas em outubro e novembro, recuperaram e ganharam altura. Em termos fenológicos encontravam-se na fase de espigamento e apresentavam uma boa quantidade de espigas, perspetivando-se uma boa produção. O trigo semeado mais tarde, no início de março, encontrava-se ainda pequeno, com cerca de 15 a 20 cm de altura. Para o desenvolvimento das searas tardias será importante que ocorra alguma precipitação porque os terrenos apresentavam-se já secos na camada mais superficial e que as temperaturas não sejam muito elevadas no próximo mês. Perspetiva-se uma produtividade inferior ao normal nas searas mais tardias, por terem sido instaladas já muito fora do ciclo natural da cultura.

A cevada, que este ano foi semeada mais tarde do que o habitual, em março e abril, apresentava plantas ainda pequenas, com cerca de 10 cm de altura. A cultura foi instalada muito fora do seu ciclo temporal perspetivando-se uma produção inferior ao normal.

No **Médio Tejo**, as searas apresentavam uma secagem mais rápida, consequência das temperaturas muito elevadas e da ausência de precipitação, condições atípicas para esta época do ano.

As searas de trigo mole e aveia, encontravam-se na fase do espigamento e a iniciar precocemente a fase do enchimento do grão. As searas de cevada, instaladas um pouco mais tarde na região do que o habitual, ainda não tinham entrado no espigamento.

Não houve aumento das áreas instaladas destas culturas, estando a campanha agrícola em curso marcada por uma redução muito significativa da área semeada com cereais praganosos.

Este setor atravessa um momento de grande pressão, face às condições adversas que têm caracterizado a campanha agrícola. São elas, as condições meteorológicas ocorridas nos últimos meses, com destaque para a precipitação intensa e persistente, que impediu a realização atempada das sementeiras e de outras práticas agrícolas, limitando as janelas de oportunidade para um regular calendário agrícola e, conseqüentemente, comprometendo o potencial produtivo destas culturas. Por outro lado, nas searas em curso, o excesso de água no solo e as situações daí resultantes, como o encharcamento e a asfixia radicular das plantas, trouxeram perdas muito significativas e, em muitos casos, a perda total das searas. Esta realidade acentuou de forma significativa a vulnerabilidade económica destas explorações agrícolas, agravada ainda mais pelo aumento dos custos de produção face à conjuntura geopolítica internacional, em especial pela guerra no Médio Oriente. Os preços dos fertilizantes e dos combustíveis, ambos essenciais para a atividade das explorações agrícolas, têm registado aumentos sem precedentes. Esta evolução coloca o setor sob uma forte pressão, com margens já significativamente reduzidas devido aos baixos preços praticados no mercado mundial de cereais.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, devido às condições meteorológicas verificadas no inverno as áreas semeadas com culturas cerealíferas foram muito reduzidas, como já referido anteriormente. Nas searas instaladas em terrenos baixos e com má drenagem, as

plantas reagiram ao excesso de água, tendo-se verificado morte de plantas por asfixia radicular e outras apresentavam um fraco desenvolvimento. As que foram instaladas em terrenos mais elevados e bem drenados apresentavam plantas altas e vigorosas. As culturas mais adiantadas encontravam-se na fase do espigamento. Em termos de produtividade é ainda muito cedo para avaliar.

Na **Grande Lisboa**, tal como referido no relatório anterior, a instalação de culturas cerealíferas de outono-inverno foi considerada extemporânea, por não ser possível cumprir o calendário agronómico recomendado para estas culturas e teria impactos negativos na qualidade, produtividade final e conseqüente viabilidade económica.

A instalação de cevada dística prevista inicialmente para o mês de março foi novamente adiada, agora para maio, com a opção por cevada de ciclo curto em sistema de rega por *pivot*.

Conforme vem sendo mencionado em relatórios anteriores, *"... a redução da área afeta à sementeira de culturas cerealíferas encontra-se igualmente condicionada por fatores de natureza económica, designadamente pelos baixos preços pagos à produção, os quais têm vindo a evidenciar uma tendência decrescente. Estes valores revelam-se manifestamente insuficientes para assegurar a cobertura integral dos custos de produção, comprometendo a rentabilidade das explorações. Neste contexto, antecipa-se que a manutenção deste enquadramento económico possa conduzir, a médio prazo, ao abandono progressivo das culturas cerealíferas por parte dos produtores"*.

Na **Península de Setúbal**, o tritcale semeado em janeiro apresentava-se com cerca de 1 metro de altura, em espigamento e a encher o bago. O tritcale semeado em março tinha no final do mês cerca de 20 cm de altura. Prevê-se que a colheita se inicie a partir de julho.

Relativamente ao trigo, semeado na última semana de março, germinou bem, apesar de se ter perdido alguma semente. Apresentava-se joelheiro, com bom desenvolvimento embora com algum atraso, devido à data tardia da sementeira. O espigamento deverá ocorrer em meados de maio.



Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares e olivais: estado vegetativo; floração e vingamento do fruto

Vinha

No Oeste, as vinhas em geral apresentavam-se vigorosas, com novos lançamentos e bom desenvolvimento foliar, beneficiando das boas reservas de água no solo e das temperaturas elevadas registadas durante boa parte dos dias. As vinhas para vinho situavam-se entre os estados fenológicos F – Cachos Visíveis e H – Botões Florais Separados, desenvolvimento considerado compatível com o esperado para a época. As castas com um desenvolvimento fenológico mais adiantado eram a Fernão Pires (uva branca) e a Caladoc (uva tinta), e a Syrah (uva tinta) era a mais atrasada. As videiras apresentavam de uma forma geral uma boa quantidade de cachos, perspetivando que 2026 possa vir a ser um bom ano de produção. No entanto, as condições climáticas na fase da floração e vingamento serão determinantes para ter uma melhor perceção do ano vitícola.

Nas vinhas para uva de mesa, no final do mês as variedades mais adiantadas, como a Sagraone e a ARRA 30 (uvas brancas sem grainhas), encontravam-se no estado fenológico H – Botões Florais Separados.

No Médio Tejo, as vinhas para vinho apresentavam, de um modo geral, bom vigor vegetativo. Registava-se um número significativo de cachos por lançamento (em

média 2 a 3), indicador de um potencial produtivo promissor. No final do mês, predominava o estado fenológico G – Cachos Separados.

As vinhas para uva de mesa, encontravam-se com um desenvolvimento vegetativo regular, na generalidade no estado fenológico G – Cachos Separados e as vinhas mais adiantadas (castas Cardinali e Dona Maria) estavam a iniciar a floração.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, nas vinhas para vinho, apesar do abrolhamento mais tardio em algumas parcelas devido ao prolongamento das podas até março, as temperaturas elevadas registadas durante o mês provocaram uma aceleração acentuada do ciclo vegetativo. Face ao ano anterior verificava-se um adiantamento fenológico de cerca de uma semana e meia. No final do mês, as vinhas encontravam-se maioritariamente no estado fenológico I – Floração, embora ainda se encontrassem algumas no estado fenológico H – Botões Florais Separados.

Nas vinhas para uva de mesa, as variedades mais precoces (Sagraone e ARRA 30) apresentavam-se entre os estados fenológicos G – Cachos Separados e H – Botões Florais Separados.

Na Grande Lisboa, na vinha de uva para vinho observou-se um bom desenvolvimento vegetativo e produtivo ao longo do mês, com evolução fenológica global entre os estados G – Cachos Separados e H – Botões Florais Separados, tendo algumas vinhas de castas brancas já atingido o estado I – Floração. As castas mais tardias, como a Ramisco, encontravam-se em estados menos avançados face às mais precoces, como a Malvasia e Castelão. Apesar da ocorrência pontual de problemas causados pelo estado do tempo e por pressões fitossanitárias, a situação geral das vinhas no final do mês era favorável, com bom estado sanitário, desenvolvimento equilibrado e perspetivas positivas de produção.

As vinhas de uva de mesa encontravam-se no final do mês maioritariamente nos estados fenológicos compreendidos entre G - Cachos Separados e H - Botões Florais Separados, sendo este último mais evidente nas variedades mais precoces, como a ARRA 30 e a Sugraone.

Na Península de Setúbal, verificou-se um acentuado desenvolvimento vegetativo, com as vinhas para vinho a apresentarem muito vigor. Contudo, a ocorrência de chuva e frio durante a floração poderá levar à perda de parte da produção. Relativamente ao ano passado e a um ano normal encontravam-se numa fase mais avançada. As castas mais adiantadas e que foram podadas mais cedo estavam a iniciar o estado fenológico I - Floração, caso da Castelão e da Fernão Pires. As castas mais atrasadas, como a Moscatel, no estado F - Cachos Visíveis e G - Cachos Separados, havendo também castas com desenvolvimento intermédio, em H - Botões Florais Separados. No final da primeira semana de maio deverá haver muita vinha em floração. Relativamente à amostra de cachos, o ano apresenta-se favorável e melhor que no ano passado, com boas perspetivas de produção, evidenciada por cachos de maior dimensão.

Pomóideas

No Oeste, com as temperaturas elevadas as pomóideas em geral continuavam a apresentar uma antecipação do ciclo cultural. Nos pomares de pera Rocha a floração ocorreu cerca de duas semanas mais cedo do que no ano anterior. Foi abundante e muito homogénea como já não se via há vários anos, perspetivando-se que a grande disponibilidade de água no solo poderá ter sido um dos fatores indutores dessa ocorrência, tal como o maior número de horas de frio invernal. A taxa de vingamento dos frutos foi elevada, superior ao ano anterior. Após o vingamento ocorreu alguma queda fisiológica de frutos, processo de monda natural, que

não foi muito expressiva, pelo que as pereiras apresentavam uma boa carga de frutos. Em termos fenológicos, no final do mês a maior parte dos pomares de pera Rocha encontravam-se no estado J - Frutos em Desenvolvimento. As previsões de produção apresentavam-se bastante positivas, antevendo-se um ano com bastante mais produção do que os anteriores, se não houver estragos.

Nos pomares de macieiras, o desenvolvimento da cultura apresentava alguns problemas. A floração foi abundante, mas escalonada, principalmente na variedade Gala. Verificou-se uma taxa elevada de abortamento floral e de queda de frutos vingados devido às temperaturas elevadas durante a floração. Na variedade Fuji, as árvores apresentaram situações muito alternantes em termos de floração, verificando-se alguns pomares com abundância e outros com escassez de flores. Em termos fenológicos, no final do mês as cultivares da variedade Gala encontravam-se no estado H - Queda Total das Pétalas, as Reinetas no estado I - Vingamento do Fruto, as Fuji no estado J - Frutos em Desenvolvimento, e as RegalYou entre os estados F2 - Plena Floração e I - Vingamento do Fruto. Embora a cultura ainda se encontre sujeita a muitos fatores que irão influenciar na produção final, antevê-se que seja semelhante ao ano anterior.

Na Grande Lisboa, as temperaturas elevadas registadas conduziram a uma antecipação e concentração da floração na pereira Rocha. Em contraste, nas macieiras, o prolongado período de encharcamento dos solos originou uma floração escalonada e irregular, associada a um desenvolvimento foliar anómalo caracterizado por deformações, manchas e crescimento atrofiado. No que respeita ao estado fenológico, as pereiras encontravam-se no final do mês com frutos vingados, enquanto as macieiras apresentavam frutos em início de vingamento, coexistindo ainda com fases de floração e queda de pétalas.

Na Península de Setúbal, as pereiras estavam ligeiramente mais adiantadas que as macieiras, em ambos os casos com excelentes vingamentos e em fase de crescimento de frutos. Encontravam-se mais avançadas relativamente ao ano passado, apresentando um desenvolvimento semelhante ao de um ano normal. Prevê-se que a colheita possa ocorrer na terceira semana de julho.

Prunoídeas

No Oeste, como já identificado no mês anterior, algumas variedades precoces de ameixeiras registaram uma fraca taxa de vingamento devido à precipitação e às temperaturas baixas verificadas a meio de março. Em abril os pomares encontravam-se com frutos em desenvolvimento, que apresentavam o tamanho de uma azeitona. Nos pomares mais expostos, a maior intensidade do vento verificada em alguns dias a meio de abril, provocou bastante queda fisiológica de frutos em variedades mais precoces. Contudo, também se registava uma boa quantidade de frutos em variedades menos precoces e mais protegidas do vento. Os pomares de damascos e alperces apresentavam frutos em desenvolvimento e pouca quantidade. Nos pomares de pêssigo e de nectarinas a floração foi abundante e a taxa de vingamento bastante satisfatória. As árvores apresentavam uma boa quantidade de frutos, que se encontravam em desenvolvimento, grande parte apresentando o tamanho de uma noz.

No Médio Tejo, os pomares de pessegueiros (variedades mais precoces) encontravam-se na fase de desenvolvimento dos frutos, prevendo-se o início da colheita em maio ou junho. Prevê-se uma quebra de produção de alguns pomares que foram afetados por cancro bacteriano, culminado na morte de árvores.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, os pomares de pessegueiros encontravam-se no estado fenológico I – Fruto em Desenvolvimento.

Na Grande Lisboa, durante o mês verificou-se nas ameixeiras o crescimento dos seus frutos, destacando-se o rápido desenvolvimento da sua semente.

Figueiras

No Médio Tejo, as variedades Lampa Preta, Maia e Dauphine, encontravam-se em bom estado e com os figos lampos em desenvolvimento. O abrolhamento das figueiras ocorreu dentro da normalidade, no entanto, as temperaturas diurnas, anormalmente altas na região, promoveram um desenvolvimento mais acentuado dos figos lampos, evidenciado pelo maior calibre comparativamente a um ano comum. Se as condições climáticas até ao final de junho decorrerem com normalidade é previsível que a produção de figos lampos seja superior à de um ano normal. Os figos vindimos começavam a estar visíveis nas axilas das folhas que se situam na base do crescimento do ano.

Na Grande Lisboa, a cultura do figo encontrava-se no final do mês no estado fenológico de frutos em crescimento, evidenciando um desenvolvimento vegetativo normal para a época. Relativamente à produção, as estimativas apontam para rendimentos médios, enquadrados nos valores expectáveis para condições normais de cultivo.

Cítrinos

No Oeste, os pomares de limão mais afetados pela tempestade Kristin, que registaram queda massiva de folhas, estavam a recuperar, com as árvores a apresentar desenvolvimento de novos lançamentos e novas rebentações foliares (renovo). Nas áreas menos

afetadas desenvolvia-se o novo ciclo produtivo da floração primaveril para a produção de frutos a serem colhidos no outono-inverno. Os pomares apresentavam boa floração, observando-se limoeiros com flores em desenvolvimento, em plena floração e vingamento de frutos. Dos ciclos produtivos anteriores, havia ainda alguns frutos maduros por colher e frutos em desenvolvimento. Durante o mês realizaram-se algumas colheitas de limão.

No Médio Tejo, os pomares de limão encontravam-se com a colheita concluída. Em simultâneo, verificava-se uma nova floração. Em termos de qualidade, os frutos colhidos denotaram calibres mais baixos comparativamente a período igual de colheita da campanha precedente. Em termos de quantidade, verificou-se contrariamente ao expectável, uma variação da produtividade ligeiramente inferior à verificada na campanha precedente.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, em alguns pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall), terminada a colheita, foram realizadas podas de limpeza (ladrões e ramos velhos secos) e fertilizações de fundo. Em algumas zonas dos pomares ainda eram observadas árvores com folhas amareladas devido ao excesso de água durante o inverno. No entanto, com a melhoria do tempo e as fertilizações aplicadas em março, os pomares começavam a apresentar uma recuperação vegetativa, com desenvolvimento de novas rebentações foliares e de botões florais, em quantidades razoáveis. O início da floração encontrava-se adiantado duas semanas comparativamente aos anos anteriores. Para a próxima campanha, estima-se uma boa produção, caso não ocorram situações adversas.

Na Grande Lisboa, nos pomares de limoeiro observou-se o início de floração, não se registando, até ao momento, danos significativos associados à traça do limoeiro.

Paralelamente, decorreu a campanha de colheita, sendo que os frutos apresentavam elevada incidência de defeitos epidérmicos, resultantes dos episódios de vento forte e granizo ocorridos durante o inverno.

Na Península Setúbal, os limoeiros encontravam-se com os frutos em desenvolvimento e ainda com dimensão reduzida, prevendo-se o início da colheita a partir de julho/agosto.

Ao longo do mês os pomares de tangerineiras evoluíram de plena floração para a fase de queda de pétalas, observando-se o início do vingamento dos frutos. De um modo geral, apresentavam-se com bom estado vegetativo e desenvolvimento equilibrado e adequado às diferentes idades das plantações.

Amendoal

No Médio Tejo, os pomares de amendoeirias encontravam-se no final do mês com os frutos em desenvolvimento, entre as fases fenológicas I – Fruto Jovem e J – Fruto Desenvolvido. Verificavam-se árvores com um desenvolvimento vegetativo excessivo, que irão exigir na fase de pós-colheita a realização da prática de *topping* (corte de topo ou poda de topo) e abertura da copa das amendoeirias, particularmente em sistemas superintensivos. Esta é uma prática mecânica essencial para gerir o volume da árvore, facilitar a colheita, evitar o ensombramento, garantindo a iluminação adequada. Nesta fase, observando-se a elevada carga de pepitas formada é estimada uma boa produção.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, o amendoal apresentava duas situações distintas. Nos pomares afetados pelas cheias, a floração foi mais reduzida e o vingamento dos frutos mais fraco. Nos restantes pomares, verificou-se um bom desenvolvimento vegetativo e um bom vingamento de frutos, prevendo-se

uma melhor produção relativamente aos anos anteriores.

Na Península de Setúbal, o amendoal encontrava-se na fase de crescimento do fruto, apresentando bom aspeto vegetativo, apesar de fraca quantidade.

Nogueiral

No Médio Tejo, as nogueiras na região apresentavam um bom desenvolvimento, encontrando-se as variedades mais precoces na fase final da floração e as variedades mais tardias, como a Chandler, encontravam-se com a floração iniciada na penúltima semana de abril.

Olival

No Oeste, com temperaturas amenas e disponibilidade hídrica do solo, as oliveiras apresentaram uma enorme exuberância floral. Durante o mês terminou a queda fisiológica de folhas velhas, danificadas ou desnecessárias para a sobrevivência, processo natural de abscisão favorável à economia de nutrientes, reequilíbrio hormonal, desenvolvimento vegetativo e sanidade das oliveiras. O desenvolvimento de botões florais e a diferenciação das corolas decorreu ao longo do mês e de forma homogénea na região. Nos últimos dias observou-se o início da floração em todas as variedades, progressivamente das mais precoces para as mais tardias.

No Médio Tejo, durante o mês os olivais tradicionais encontravam-se de forma homogénea nas fases de desenvolvimento dos botões florais e consequente diferenciação das corolas. Nos últimos dias de abril verificou-se de forma progressiva o início da floração de todas as variedades, precedidas pelas mais precoces. Favorecidas pelas temperaturas amenas e disponibilidade hídrica do solo, as oliveiras

apresentaram uma enorme exuberância floral, terminando durante todo o mês a queda fisiológica das folhas danificadas ou desnecessárias para a sua sobrevivência, o que favoreceu a economia de nutrientes, o reequilíbrio hormonal, o desenvolvimento vegetativo e a sanidade das oliveiras. Os olivais intensivos apresentavam um bom estado vegetativo, estando predominantemente na fase final da floração, enquanto outras variedades mais precoces estavam no início do vingamento dos frutos.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, no final do mês, alguns olivais apresentavam-se ainda em plena floração e outros já estava a floração concluída, encontrando-se a entrar na fase de vingamento dos frutos. As temperaturas baixas dos meses anteriores foram essenciais para a diferenciação floral, estimulando-se, se não ocorrerem fenómenos que venham a prejudicar o vingamento e o desenvolvimento dos frutos, que possa ser um ano de forte produção.

Na Grande Lisboa, durante o mês observou-se de forma generalizada em toda a região o desenvolvimento dos botões florais, com subsequente diferenciação das corolas. Nos últimos dias do período em análise, verificou-se o início progressivo da floração em todas as variedades, ocorrendo mais precocemente nas cultivares de ciclo antecipado. O bom estado fisiológico das oliveiras foi evidenciado pela elevada intensidade de floração. Simultaneamente, ao longo do mês decorreu o processo de queda fisiológica das folhas (abscisão), correspondente à eliminação natural de folhas envelhecidas, danificadas ou metabolicamente menos ativas. Este processo contribuiu para a otimização do uso de nutrientes, o reequilíbrio hormonal, bem como para o estímulo do desenvolvimento vegetativo e a manutenção da sanidade da cultura.

Mirtilo

No Médio Tejo, os pomares de mirtilo (variedades Duke e Misty) encontravam-se em bom estado e na fase de formação dos frutos, prevendo-se a colheita nos meses de maio/junho. A precipitação intensa na fase da floração prejudicou muito o potencial produtivo da cultura, prevendo-se uma produção muito baixa comparativamente à campanha precedente.



Sementeiras de primavera: como decorreram; como germinaram; variação de áreas semeadas ou plantadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado

Milho

No Oeste, a maior parte dos produtores de milho de sequeiro, produzem para autoconsumo e em pequenas áreas, apenas um ou outro produtor faz a cultura em maior dimensão, para comercialização. No final do mês, grande parte do milho de sequeiro encontrava-se semeado, tendo corrido bem a instalação da cultura. O mais adiantado, semeado no início do mês, apresentava uma boa emergência. Estima-se que a área da cultura seja semelhante à do ano anterior. A cultura do milho em regadio é menos praticada na região e quase sem expressão devido às condições edafoclimáticas e ausência de infraestruturas de secagem do grão.

No Médio Tejo, as sementeiras de milho encontravam-se a decorrer com normalidade. A cultura apresentou uma boa germinação. As primeiras sementeiras ocorreram no final de março, apresentando-se essas searas com plantas de 5/6 folhas. Prevê-se que as sementeiras estejam terminadas em meados de maio. Nesta fase é estimada uma ligeira redução de áreas semeadas na região comparativamente ao ano anterior. O motivo

prende-se com outras opções culturais, em especial a cultura de girassol.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, as sementeiras de milho iniciaram-se no final de março e encontravam-se ainda a decorrer, a bom ritmo e dentro da normalidade. As searas mais adiantadas apresentavam uma germinação boa e uniforme. Apesar de a instalação da cultura ainda não ter terminado, prevê-se uma área semeada idêntica à do ano anterior.

Na Grande Lisboa, no início do mês realizaram-se os trabalhos de preparação do solo, incluindo as operações culturais necessárias à instalação da cultura. A sementeira iniciou-se em meados do mês, encontrando-se em curso, com conclusão prevista durante o mês de maio.

Na Península de Setúbal, a sementeira teve início em meados de abril. No final do mês, a cultura encontrava-se nascida, com cerca de 5 cm de altura e três folhas, apresentando bom aspeto. Está prevista a continuação das sementeiras em maio, podendo estas ser adiadas em caso de precipitação. Prevê-se a colheita para outubro/início de novembro.

Tomate para indústria

No Oeste, após as chuvas intensas nos meses de inverno, o tempo em março e abril permitiu a recuperação das condições para preparação dos terrenos e instalação da cultura, a qual decorreu durante o mês com normalidade, dentro da época habitual. Nas áreas já instaladas, a cultura apresentava um desenvolvimento inicial favorável, com um bom vigor vegetativo das plantas e sem registo de incidência significativa de doenças ou pragas.

No Médio Tejo, as plantações de tomate para indústria iniciaram-se na última semana de março e prosseguiram com normalidade, encontrando-se já grande parte das áreas plantadas. O crescimento decorreu em boas condições, muito favorecido pela rega na cultura. Nas searas mais avançadas verificavam-se plantas com 20 cm de altura. Nesta fase é estimada uma manutenção de área na região relativamente ao ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, apesar das condições climáticas adversas registadas durante o inverno, designadamente de precipitação intensa e situações de cheia na região, a preparação dos terrenos e o início da instalação da cultura decorreram dentro dos períodos habituais, com arranque no início do mês. As plantações realizaram-se sem interrupções e a bom ritmo, encontrando-se já instalada cerca de 50% da área prevista. Devido às boas condições climáticas, o desenvolvimento inicial da cultura já instalada decorreu de forma globalmente favorável, registando-se um bom vigor vegetativo das plantas. Na região prevê-se a instalação de uma área semelhante à do ano anterior.

Na Grande Lisboa, durante a primeira quinzena do mês realizaram-se os trabalhos de preparação do solo necessários à instalação da cultura. De seguida, deu-se início à plantação que se encontrava, no final do mês, cerca de 35% da área total já instalada. A conclusão da plantação está prevista para o final de maio, condicionada pela evolução das condições climáticas e pela disponibilidade de plantas nos viveiros.

Na Península de Setúbal, a plantação teve início no princípio de abril, após as devidas preparações dos terrenos, prevendo-se a sua conclusão no final de maio. A cultura apresentava-se bem instalada, ainda em fase inicial de desenvolvimento, com cerca de 20 cm de altura e com crescimento vegetativo ativo.

Arroz

No Oeste, com a destruição de diques de proteção dos rios Tejo e Alenquer, causada pela elevada precipitação no inverno, uma parte significativa dos campos de cultivo de arroz ficou sem condições para a cultura. Ainda a aguardar por uma intervenção das entidades responsáveis, foi executada uma ligeira recuperação no dique que protege os campos de cultivo para tentar evitar a entrada de água do rio e poder instalar a cultura. Com um atraso significativo, a sementeira, que num ano normal estaria a terminar no final de abril ou início de maio, arrancou apenas na última semana do mês, fruto da resiliência que tanto caracteriza o setor que se recusa sempre a desistir perante as adversidades. Apesar de uma parte significativa da cultura ficar exposta a riscos adicionais devido ao perigo de inundação dos campos, prevê-se que ocupe uma área semelhante à do ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, durante o mês foi realizada a preparação das camas de sementeira. No final do mês as sementeiras encontravam-se numa fase muito inicial. Na região já se encontravam instaladas algumas áreas de sementeira em seco.

Na Grande Lisboa, o mês decorreu favoravelmente para o início da campanha da cultura do arroz. Foram realizados os trabalhos de preparação dos terrenos para semear, sendo que muitos dos canteiros estavam danificados devido às ocorrências durante a tempestade Kristin. Em algumas parcelas, desde meados do mês que decorre a sementeira em seco com semente enterrada. A tempestade Kristin provocou danos não só nos canteiros mas também nos canais de rega, sobretudo nos do rio Sorraia que também carecem de ser reparados, pelo que será a partir do início de maio que haverá água disponível para alagar os canteiros de arroz. O alagamento far-se-á, em princípio, durante cerca de dez dias. Volvidos oito dias dos canteiros

estarem cheios é que será oportuno semear, o que decorrerá durante o mês de maio, prevendo-se o seu término em junho.

Na Península de Setúbal, as condições climatéricas foram propícias à preparação dos terrenos para as sementeiras que se iniciaram, na zona da Marateca, no final do mês e deverão prolongar-se até meados ou final de maio. Prevê-se o início da emergência da cultura, em meados de maio. Nalgumas zonas, afetadas pelas tempestades de janeiro, os trabalhos de preparação dos terrenos para as sementeiras encontravam-se atrasados, prolongando-se ainda por algum tempo, uma vez que continuam a decorrer reparações devido ao rompimento de valas das linhas de água. Subsiste ainda a necessidade de remoção de grandes quantidades de terra acumulada. Na zona de Rio Frio, prosseguem os trabalhos de preparação dos terrenos para as sementeiras, que ainda não se iniciaram, prevendo-se apenas a partir de meados de maio. Também nesta região se registaram diversos problemas associados às tempestades de inverno, nomeadamente à depressão Kristin, com impactos ao nível de muros de canteiros, entre outras situações.

Feijão

No Oeste, a cultura de feijão para seco é realizada principalmente em sistema de sequeiro e em áreas muito pequenas, com exceção de um ou outro produtor com maior dimensão. As sementeiras foram realizadas em março e abril, tendo corrido bem e apresentado boa emergência. As searas apresentavam plantas vigorosas, na fase de crescimento e desenvolvimento vegetativo. Estima-se uma descida acentuada da área da cultura relativamente ao ano anterior, tendo os maiores produtores da região substituído a cultura por outras produções que apresentam maior rentabilidade económica.

No Médio Tejo, as sementeiras decorreram no princípio do mês, tendo a cultura denotado muitas falhas na germinação. É estimada uma manutenção das áreas semeadas comparativamente ao ano anterior.

Grão de Bico

No Oeste, a cultura do grão de bico é praticada em regime de sequeiro e em áreas muito pequenas, com exceção de algum produtor com maior dimensão. A área total ocupada pela cultura é muito reduzida na região, prevendo-se uma diminuição acentuada relativamente ao ano anterior devido à intenção de alguns produtores não praticarem a cultura este ano.

Na Lezíria do Tejo, a cultura foi instalada com atraso devido às condições climatéricas verificadas durante os meses de inverno. As sementeiras só foram iniciadas em março, já com temperaturas muito elevadas. A cama de sementeira secou muito rapidamente, provocando emergências muito heterogêneas. Os primeiros campos instalados estavam a iniciar a floração e os mais tardios encontravam-se na fase de emergência. Prevê-se um aumento muito significativo da área da cultura comparativamente ao ano anterior.

Girassol

No Médio Tejo, prevê-se um aumento significativo de áreas semeadas com a cultura de girassol comparativamente ao ano anterior, principalmente pelo facto de a cultura ter sido muito pouco praticada na campanha precedente. A melhoria das condições climatéricas no mês de março permitiu a instalação da cultura, encontrando-se as plantas em bom estado vegetativo e com 4 folhas formadas.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, a instalação da cultura foi iniciada em março, encontrando-se as searas mais

avançadas em bom estado vegetativo e com plantas de 4 folhas. Estima-se algum aumento da área semeada comparativamente ao ano anterior.

Melão

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, as plantações de melão foram iniciadas durante o mês e irão continuar de forma escalonada em maio e junho. As primeiras plantações encontravam-se em início de floração. Ainda é precoce uma estimativa da produção que depende ainda de fatores como taxas de abortamento floral e de vingamento.

Na Grande Lisboa, no final do mês a cultura encontrava-se na fase de vingamento, apresentando um desenvolvimento bastante adiantado, o que permitiu já a remoção da manta térmica. A manta térmica (ou agrotêxtil) desempenha um papel importante na cultura do melão, funcionando como uma barreira física e térmica que protege as plantas contra condições adversas, como geadas, ventos e pragas, nomeadamente a mosca branca. Adicionalmente, contribui para a criação de um microclima favorável, promovendo o crescimento mais rápido das plantas, antecipando a colheita e potenciando a produtividade, sendo particularmente eficaz nas fases iniciais do ciclo cultural. Até ao momento, não se verificou necessidade de aplicação de quaisquer tratamentos fitossanitários.

6 de maio de 2026

DADOS METEOROLÓGICOS

Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Instituto Geofísico	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Vale Donas	Alvega
Temperatura máxima (°C)	28,5	25,0	29,0	28,3	30,2	30,7	31,2	32,0	30,7	32,6
Dia	10 e 20	6	18	27	26	27	27	27	26	18
Valor médio da temperatura máxima (°C)	22,7	18,5	23,0	22,9	23,6	24,7	25,1	25,8	25,1	26,5
Temperatura máxima normal para a época (°C)	19,7	—	19,3	20,4	21,1	21,4	21,2	22,1	—	22,2
Temperatura mínima (°C)	5,5	5,2	7,5	8,9	7	5,8	7,1	4,7	4,4	2,3
Dia	1	1	9	8	8	3	8	2 e 3	13	2
Valor médio da temperatura mínima (°C)	9,7	9,0	10,2	13,2	10,2	9,4	10,6	8,3	9,0	8,0
Temperatura mínima normal para a época (°C)	8,2	—	9,4	12,3	9,3	9,2	10,1	8,0	—	7,2
Temperatura média normal para a época (°C)	14	—	14,4	16,3	15,2	15,3	15,7	15,1	—	14,7
Horas de frio	625	410	408	222 ^(*)	403	595	369	738	805	945
Rajada máxima de vento (Km/h)	56,9	67,7	69,5	70,9	64,8	55,8	64,8	62,6	59,8	76,0 ^{a)}
Dia	11	12	11	11	11	12	11	12	16	10
Número de dias com precipitação	4	7	8	3	3	10	7	9	3	4 ^{a)}
Precipitação acumulada no mês (mm)	14,1	13,2	12,4	8,5	15,5	14,6	9,4	10,9	26,1	13,3 ^{a)}
Precipitação normal para a época (mm)	83,2	—	63,3	71,8	64,2	55,1	57,2	50,8	—	64,2
Precipitação diária máxima no mês (mm)	7,8	5,5	3,3	7,8	14,4	7,7	3,7	3,1	16,3	7,3 ^{a)}
Dia	29	7	6 e 14	7	7	7	6	6	29	7
Humidade relativa diária mínima (%)	22	28	23	22	26	35	20	21	19	14 ^{a)}
Humidade relativa diária máxima (%)	96	100	99	100	96	100	98	100	100	100

Notas:

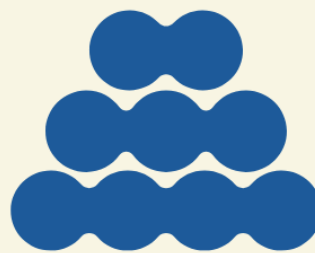
Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

a) Falha de dados no dia 8.

– Sem dados

Número de horas de frio: total de horas com temperaturas inferiores a 7,2°C acumulado, observado nas estações meteorológicas, desde 01 de outubro até 30 de abril (para fruteiras em Portugal Continental), atualizado diariamente até às 10h:30 UTC.

(*) Horas de frio registadas na estação de Lisboa/Tapada da Ajuda.



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.
RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT